

BEATRIZ FURTADO

Personagem existencialista no conto do jornalismo massacrante das redações

Dizem que os leoninos têm uma característica bem peculiar: entregam-se apaixonadamente a tudo o quanto fazem. Com Silvia Beatriz Furtado, as previsões do zodíaco também foram certas, embora ela nem acredite nestas coisas... Irrequieta e densa como um personagem existencialista de Clarice Lispector, ela insiste em fazer do jornalismo o exercício diário na busca de uma sociedade mais “coletiva”.

A preocupação com questões sociais são resquícios de quem sempre quis viver no melhor estilo Woodstock. Mas, para Beatriz - que, na adolescência, botou uma mochila nas costas e foi conhecer o Nordeste, de carona, - paz e amor não é só um slogan para vender refrigerante. A vontade de estar “no mundo” sempre foi maior do que os limites culturais e geográficos das terras alencarinhas.

O ano era 1978 e, apesar de não estarmos nos anos de chumbo da ditadura militar, os filhos da classe média se julgavam revolucionários. O ídolo era Che Guevara. Afinal, em que mundo estaria vivendo o jovem brasileiro que não soubesse na ponta da língua a letra de “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso ou não tivesse ficado embasbacado com “Terra em Transe”, do Gláuber Rocha? Com estes referenciais na bagagem, Beatriz foi estudar Comunicação Social em São Paulo.

Com a mudança para a metrópole veio a responsabilidade de ter que se manter sozinha. O frio e a *dura poesia concreta* de Sampa não eram problema: os amigos da Casa do Estudante formavam uma segunda família. Decidida a não voltar tão cedo para a terrinha, Beatriz tratou logo de arrumar um emprego - no Banespa. E engajou-se no movimento estudantil - que resistia meio trôpego - fato importantíssimo na sua formação ideológica.

Na *cidade tûmulo* do samba, Bia despencou num destino de mulher: a maternidade pegou de surpresa uma jovem “imatura” e “deslumbrada”. Por caminhos meio tortos ela voltou a Fortaleza, trazendo a tiracolo a filha Nana, o companheiro Plínio e uma garra enorme para fundar a Convergência Socialista por estas bandas. O casamento durou pouco mas a amizade com o pai de sua filha existe até hoje.

Beatriz tem um brilho diferente nos olhos. Parece que está sempre enxergando o intangível. É como se estivesse disposta a deixar tudo, para



Beleza é apenas um complemento para a jornalista que não dispensa leitura e reflexão no dia-a-dia dos jornais.

não ser absorvida pelo cotidiano massacrante das redações de jornal. Talvez por isso tenha aceitado os desafios de trabalhar na Folha de São Paulo, dar aulas em universidades (a PUC de Campinas, a de Santa Maria e a UFC), trabalhar em campanhas políticas do PT e estar de malas prontas para fazer doutorado em Barcelona.

Procurando uma ideologia para viver, ela se ressentia da falta de projetos coletivos. Porque o individualismo imposto pelo mercado fez as pessoas se afastarem. E a vida não é mais como na república de estudantes, onde “todo mundo fazia as coisas junto”. Mas não há saudosismo nas opiniões de Beatriz. Há uma vontade enorme de fazer um trabalho que contribua, mesmo que de forma pequena, para a melhoria da sociedade.

Apaixonada pela leitura, seja filosófica ou poética, Beatriz até arrisca uma previsão para passar uns cem anos sem solidão: terminar os dias como uma velha livreira. Com os óculos escorregando na ponta do nariz, os cabelos grisalhos e a mesma intensidade no olhar, ela vai saber na ponta da língua todos os títulos da sua livraria. Nada de sofrimento por causa da idade porque o espírito, quando alimentado, não envelhece.

Entrevista com a jornalista Beatriz Furtado, dia 30/04/97
Produção: Ingrid Coifman, Janaina Braga de Paula e Samira de Castro
Abertura: Samira de Castro
Redação, edição e texto final: Ingrid Coifman, Janaina Braga de Paula e Samira de Castro
Participação: Ana Luiza Almeida, Ana Paula Dantas, Antonio Vanderley Moreira, Carlos Eugênio Furtado, Ingrid Coifman, Janaina Braga, Pedro Guerra, Nathália Lobo, José Nicolau e Samira de Castro

Entrevista - A gente poderia começar lhe perguntando um pouquinho, Bia, sobre como você se auto avalia hoje, a Beatriz jornalista. Quais são as suas preocupações centrais atualmente?

Beatriz - (risos) É uma pergunta enorme. Eu falo um monte, né? Vocês viram pela pré-entrevista que eu falo demais. Então, vocês podem me cortar, interferir, toda hora, porque senão eu fico falando demais.

Mas eu acho assim: quais são as minhas preocupações hoje? Eu acho que chega um período na vida da gente que a gente fica meio que contando o tempo de uma forma muito mais rápida do que em outros períodos. A gente passa um tempo da vida, profissionalmente falando, criando os mitos de pessoas, de coisas, de desejos... Você tem de alcançar algumas coisas que você ache que são importantes. E essas coisas parece que estão muito longe. É engraçado, eu acho que, como a gente não tem um senso de que as coisas passam rápido, a gente tem um senso de finitude muito presente, então, a gente tem uma bondade com a vida que nos deixa mais tranquilos de que as coisas vão acontecer mais na frente, depois você vai conquistar alguma coisa. Mas chega um período que você vê, primeiro, que os mitos, aos poucos, vão se desconstruindo; segundo, que as coisas que você pensa que é capaz de fazer e que estão por vir, ainda por fazer, você começa a perceber que você é muito pequeno diante do mundo, o mundo é muito grande e a nossa capacidade de interferir no mundo é muito pequena.

Entrevista - E quando foi que você notou isso, que você era muito pequena em relação ao mundo?

Beatriz - Eu acho que, à medida que você vai tentando fazer coisas, que você vai conseguindo fazer coisas, que você se coloca com um objetivo e quando você vê que a sua capacidade de intervenção não é muito grande... Por exemplo: acho que é uma grande referência em termos de comunicação, no país, pra um jornalista, trabalhar num grande órgão de comunicação. Eu acho que todo mundo deseja isso. Eu passei por uma experiência, de um modo bem grande, de uma imprensa considerada importante no país que foi a Folha de São Paulo. Foi uma experiência bastante importante do ponto de vista profissional mas, no entanto, você vê que as coisas também não funcionam e que a sua capacidade de intervenção também é muito pequena e que as coisas nem são tão bem feitas, nem são tão do jeito que você imagina quanto antes.

Então, aos poucos, eu passei pela experiência de ser secretária de Imprensa da prefeitura de Fortaleza (na gestão da ex-prefeita Maria Luiza Fontenelle, 1986-1988), eu passei por várias experiências que, digamos assim, têm um peso importante, que você se joga pra elas como se elas fossem algo que você é capaz de intervir de fato e você depois vai percebendo que é uma questão do tempo, enquanto algo de idade. É uma coisa mais da experiência que você vai tendo. Aí você vai ver que você interfere muito pouco na vida. Embora essa capacidade de intervenção, essa coisa muito pequena, não signifique que você não tem uma responsabilidade muito grande. Muito pelo contrário, cada vez mais, isso significa que você tem que ter mais responsabilidade, mais capacidade pra interferir, mais vontade de brigar pelas coisas, de querer fazer uma coisa mais interessante, de uma

“A gente profissionalmente, principalmente trabalhando nos meios de comunicação (...) onde quer que a gente vá atuar como profissional, esse trabalho só acontece de uma forma efetiva se você faz isso em conjunto.”

forma melhor possível, da forma que contribua com um resultado mais coletivo. No entanto, você percebe que é muito pequeno sozinho e isso, ou se faz de uma forma conjunta ou essa coisa não tem muita importância. Ela tem importância pra mim e ter importância pra mim não é muito significativo do ponto de vista do conjunto.

Entrevista - Na pré-entrevista, você falou muito que os seus planos, os seus objetivos profissionalmente e até de vida, sempre foram coletivos, sempre tinham uma visão mais ampla de como trabalhar isso. É disso que você está falando, da quebra dos mitos, é de perder...

Beatriz - Porque ela tava me perguntando a respeito de quais são as perspectivas, qual é a avaliação que eu faço da capacidade de intervenção enquanto profissional, como é que eu avalio. Primeiro eu tava explicando que, num

determinado período da vida que você está iniciando profissionalmente, essas expectativas de que você é capaz de fazer uma coisa bem maior, de que você é capaz de interferir de forma mais efetiva pra fazer um trabalho mais interessante possível, são algo muito distante. À medida que você vai percebendo, que você vai construindo e que vai tendo experiência de trabalho, você vai vendo que se esse trabalho não for uma experiência coletiva, isso isoladamente não funciona, entende?

Eu digo uma experiência coletiva não é só de grandes projetos, não. São esses grandes projetos sim, de você querer que os meios de comunicação tenham um papel social importante. Nós trabalhamos com o social, trabalhamos com o conceito de comunicação que só existe porque há um conjunto ao qual você fala, ao qual você quer interferir de forma que você quer construir algo diferente nele. Esse conjunto é a sociedade, é onde você se faz ouvir ou se faz ler num determinado momento através de um determinado veículo.

Agora, o que eu coloco, quando eu estou explicando aqui que essas experiências pessoais por si só não servem pra muita coisa, porque eu acho que a gente profissionalmente, principalmente trabalhando nos meios de comunicação, sejam eles meios de comunicação alternativos, sejam eles meios de comunicação de massa, enfim, da grande imprensa, onde quer que a gente vá atuar como profissional, esse trabalho só acontece de uma forma efetiva se você faz isso em conjunto. Em conjunto significa: é um trabalho que você faz em grupo e que significa que é um trabalho que você faz com objetivos coletivos, né?

Aí só dois sentidos, o que é o sentido do grupo e o que é o sentido do coletivo. O sentido do coletivo como do sentido de você ter uma perspectiva do todo, não só do que eu conheço mas do todo enquanto projeto de construção de sociedade, enquanto projeto de construção de algo que sirva, que seja útil e que seja inteligente, interessante pra um conjunto plural de pessoas. E, por outro lado, como emissores dos processos de comunicação, que seja feito de uma forma em grupo, no sentido de que você pensa conjuntamente com outras pessoas para produzir isso... Não sei se eu estou sendo muito abrangente...

Entrevista - Bia, você acha que essa perda da noção do coletivo é uma característica do jornalismo, da imprensa hoje ou dos meios de comunicação?



Durante a pré-entrevista, realizada no jornal O Povo, Beatriz falou quase duas horas e meia, apesar de ser constantemente interrompida pois estava na hora do fechamento do jornal.

Beatriz herdou do tempo que morou em São Paulo um sotaque diferente e muitas gírias. Ela não dispensa expressões como "um monte" e "pô".



Beatriz não disfarçou o nervosismo na pré-entrevista e foi logo avisando que não gostava de falar da vida pessoal. Mas acabou tocando em assuntos ligados à família e à maternidade.

Beatriz - Não. Eu acho que é uma característica da sociedade, da forma como ela vem se resultando nesses últimos períodos. Vamos retomar um pouco. Nós vivemos num período, no início dos anos 60, em que havia um projeto coletivo de transformação que não era só um projeto coletivo de sociedade, nem só político. Era um projeto coletivo de vida, de desejo, de ruptura com certos tipos de comportamento, que nós vamos viver aí na música, no teatro, na dança, na vida, na postura, no modo que as pessoas se vestiam, na forma como as coisas se estabeleciam, se dava nos processos coletivos. Havia uma mobilização, do ponto de vista cultural, havia uma mobilização do ponto de vista político, havia uma mobilização do ponto de vista da quebra das instituições. Por exemplo, você vai pensar nos anos 60, você vai ver todo o surgimento de uma cultura *underground*. Havia todo um processo que rompia, que lutava e que lutou nos anos 60 e no início dos anos 70, que tinha um projeto político, tinha um projeto de sociedade, que tinha uma relação com a cultura e como comportamento, que eram projetos todos essencialmente coletivos. E, por outro lado, eram projetos de ruptura.

No final dos anos 70, os anos 80 e os anos 90, nós vamos assistir um período de incorporação da noção de individualidade e de mercado estabelecida em todas as relações. Então, aquilo que se tinha como projeto de sociedade coletiva se transformou num projeto de incorporação, inclusive desses setores que vinham desses movimentos - dos movimentos, eles mesmos, sendo incorporados por um projeto que é puramente mercadológico. Ou seja, os movimentos feministas, os movimentos de juventude, o *rock*, a música, tudo foi incorporado e virou, nos anos 90, uma coisa extremamente mercadológica. Você não vê hoje os movimentos de vanguarda... Até esse conceito de vanguarda começa a não ter mais sentido porque não há nada que seja à frente ou que tente estar à frente de tudo aquilo... Começa a ter uma outra dinâmica.

Então, quando a gente fala no fim dos projetos coletivos, não é só o fim de projetos de sociedade coletiva do ponto de vista político, mas também de um processo de individualização acentuado que vai refletir na forma como eu, particularmente, vou me envolver com os problemas sociais, na forma como eu me envolvo com o meu trabalho, quer dizer, há um projeto de individualização muito grande... Por exemplo, concretamente, nós vive-

mos nos anos 60 e nos anos 70 o surgimento de meios de comunicação, principalmente jornais e revistas, que expressavam esses movimentos alternativos que existiam na sociedade, muito forte.

Porque nos anos 70 nós vemos surgir, por exemplo, a imprensa mais operária, mais ligada aos partidos, que não era isso que acontecia antes. Eu tô falando de, por exemplo, no Ceará, do Saco (*movimento literário que ocorreu no Ceará no final da década de 70*), dos grandes movimentos na música... Então, pegando, do ponto de vista cultural, essa pluralidade de manifestações que ocorriam nesse período, elas vão se extinguindo.

Hoje, nós temos todos os meios de comunicação e todos os movimentos, de alguma forma, incorporados à lógica do mercado. Eu não sou favorável, não tenho uma idéia de que essas coisa

“Nós nos diferenciamos dos demais animais porque nós temos a capacidade de transcender a realidade, ou seja, ir além do que a realidade tá posta, através da linguagem.”

sejam assim: “Então tá. Vamos viver o passado”. Eu acho que há de ter algo, há de ter alguma coisa mais na frente que faça com que a gente perceba que esse processo de individualização acentuado, que ocorre nos anos 90, que ele resgate mais na frente alguma coisa do processo mais coletivo sob o risco mesmo - não só dos sonhos, não só das utopias - mas sob o risco mesmo de que a sociedade, ela própria, não consiga se suportar com o nível de violência, com o nível de desequilíbrio ecológico... enfim, de incapacidade, de marginalidade, daquilo que fica fora da sociedade porque não consegue ser incorporado a esse mercado.

Porque esse mercado por si só não dá conta de resolver todas as questões, nem das questões políticas, nem das questões mais básicas dos desejos estéticos mesmo, do ponto de vista daquilo que está sendo produzido na cultura e que você não vê o que é que surge de novo. O que é o teatro “de novo” que existe no país hoje? O que é a música “nova” que existe no país hoje? O cinema se renova? Não é possível que essa coisa não “estoure” em algum lugar e que a gente não consiga,

de alguma forma, fazer surgir o novo. Eu acho que a sociedade, de um ponto de vista mais geral, vive um processo muito neurótico. Porque a neurose é a impossibilidade de você enxergar o novo, porque o velho permanece...

Entrevista - Qual é o caminho viável para se retomar esses projetos coletivos? Você veio de uma geração que lia muito, que discutia muito, que tinha um embasamento. Será que estaria aí uma solução pra voltar a se pensar dessa forma?

Beatriz - Eu não sei qual é o caminho e acho que nem a própria esquerda, que antes tinha um projeto que foi por água abaixo, num certo sentido, porque em todos os lugares onde houve tentativa de que ele acontecesse, ele não soube responder. Enfim, nós vivemos num processo em que ninguém tem um projeto. Eu acho que, daí, toda essa discussão da pós-modernidade de que os grandes projetos se acabaram. Então, as coisas são pontuais, são efêmeras, essa coisa que é uma discussão à parte.

Mas... eu compreendo que a questão principal mesmo é isso que tu tocas. Eu acho que nós, como seres humanos - não digo só como seres políticos que somos, independente de qualquer coisa - temos uma coisa que eu considero que é fundamental: nós nos diferenciamos dos demais animais porque nós temos a capacidade, principalmente, de transcender a realidade, ou seja, ir além do que a realidade tá posta, através da linguagem. E essa transcendência se dá nesse nível: ou nós somos capazes de sair do mundo do jeito que está posto, nós criamos essa capacidade de interferir nesse mundo de forma efetiva e criar alguma coisa nova, ou nós estamos sujeitos a ficar parados do ponto de vista daquilo que nós podemos ser, do que nós podemos construir.

Então, se alguém pudesse fazer alguma coisa por esse país, seria retomar o prazer por estudar, pela leitura. Do ponto de vista geral seria fazer com que esse país, minimamente, saiba ler, estudar, aprender enfim... Eu acho que a história da educação é “número zero”, né? Parece uma coisa desimportante pela forma como ela vem sendo tratada mas é a coisa “número zero”. Agora, do ponto de vista mesmo de que a gente só pode fazer alguma coisa se for convencido de que é capaz de fazer alguma coisa, de que agente só é mais gente - eu não digo nem fazer nada do ponto de vista social - se consegue construir, pensar, ler, ser extremamente estudiosa. Eu acho que essa é a primeira coisa do ponto de vista pro-

Discurso não-linear e pensamentos entrecortados compõem a fala de Beatriz. Ela nos advertiu logo no começo da entrevista, dizendo que podíamos interrompê-la.

fissional, do ponto de vista das relações, ser extremamente estudiosos, ser extremamente leitor, ser pessoa extremamente rigorosa do ponto de vista do saber.

Porque não é só uma conquista do ponto de vista de que você sendo estudioso, lendo, sendo capaz, você é uma pessoa competente, não. Eu acho que é uma pessoa melhor porque você consegue transcender da realidade... fazer com que essa realidade não seja uma coisa medíocre, fazer com que essa realidade seja superior. Eu acho que a capacidade que nós temos da linguagem, de poder construir outras esferas de relações, ela passa exatamente por essa capacidade de você ser além daquilo que o cotidiano lhe impõe como uma coisa pequena, menor. Eu não digo que as pessoas que não lêem, não estudam, que não estão preocupadas com essas coisas... Você encontra pessoas maravilhosas que nunca leram nada, que têm uma relação com o mundo muito grande. Mas eu não acredito nas pessoas que não lêem, que não gostam da poesia, que não gostam dos romances, que não gostam das teorias filosóficas, que não estão preocupadas com isso. Eu acho que elas estão perdendo muitíssimo. Então, eu acho que o que nos dá uma grande diferença é essa idéia que eu tenho de que nós precisamos fazer da leitura um prazer. Tem que fazer disso uma instituição social importante.

Entrevista - Você chegou a falar que, nas décadas de 60 e de 70, se chegou a ter uma efervescência cultural, que os estudantes participavam, estudavam, liam e que isso se perdeu no caminho e talvez se deveria resgatar isso. Então, pegando um pouco do gancho, dessa coisa dos objetivos coletivos e também da educação, que é uma coisa determinante na sua vida, até hoje você não parou de estudar, tanto formalmente como informalmente, qual é o papel do jornalista ou da imprensa no resgate ou na perda desse processo de coletivização e na educação?

Beatriz - Eu acho que nós estamos lidando com os meios de comunicação e, principalmente, nos meios impressos, é uma coisa de acesso um pouco... se você pensar, por exemplo, em Fortaleza, um jornal de circulação como o jornal O Povo, são vendidos 25 mil, 30 mil exemplares no máximo, isso passa por uma média de duas, três pessoas que lêem o mesmo jornal, isso dá dez mil pessoas, mais ou menos, que lêem jornal. Parece muito pequeno, no entanto, tem um poder muito grande, os chamados formadores de opinião -

no que pese esse chavão usado muito pelos marqueteiros - mas tem um poder de influência muito grande.

Então, eu acho que nós temos, mesmo nos meios impressos, uma capacidade de intervenção na sociedade tamanha que se nós nos dessemos conta disso... De um lado, dá uma responsabilidade muito grande, por outro, a gente teria, a partir dessa responsabilidade, uma vontade de fazer com que as pessoas, com que as coisas de fato pudessem ocorrer. Se você imagina que você está falando pra cem mil pessoas, minimamente, você tem uma capacidade de intervenção nessa cidade muito, muito grande! E, o que eu acho, é que a gente entra num cotidiano tão massacrante, assim, cada dia agente faz as coisas porque tem de acabar de fazer, de dar conta de fazer, terminar num horário tal, que a gente não sabe o tanto que a gente poderia influenciar. Influenciar que eu digo, assim, tanto que você poderia fazer com que aquilo ali fosse um lugar

“Mas eu não acredito nas pessoas que não lêem, que não gostam da poesia, que não gostam dos romances, que não gostam das teorias filosóficas, que não estão preocupadas com isso.”

importante pra essas pessoas, né? Um jornal como um lugar onde as pessoas pudessem transitar mesmo. Transitar, em termo de espaço, pra discutir suas questões, pra aprender, enfim... Eu acho que o jornalismo tem uma importância, do ponto de vista didático, muito grande de resgatar coisas. Tem uma importância, do ponto de vista da informação. Nós vivemos numa sociedade em que a informação é um capital muito grande, né? Eu digo assim, o Bordieu (*Pierre Bordieu, sociólogo francês*), que trabalha com a idéia do capital como alguma coisa que é o saldo, que seria a organização de uma capacidade, quer dizer, é um capital... O capital que você tem pra interferir na sociedade é tão grande, é tamanho; a informação é uma coisa tão importante pras pessoas, que a gente poderia fazer muita coisa e nós, de fato, vamos ficando nesse dia-a-dia que nos consome e acabamos fazendo muito pouca coisa.

Se você for imaginar, por exemplo, eu trabalho num caderno de cultura, que é um segundo caderno, pô, nós

temos uma capacidade de intervenção tão grande, tão enorme e o que a gente faz é tão pouco! A satisfação que nós temos de estar ali, fazendo uma coisa, ela se dá... Aqui e ali nós nos envolvemos mais com um determinadas questões mas, no geral, o conjunto da redação não tem a medida da importância que o jornal tem, da capacidade de interferência que o jornal tem, de pautar as pessoas naquilo que é de mais importante.

Eu posso dizer mais concretamente, minimamente: por exemplo, o cine Diogo (*cinema do centro de Fortaleza, vendido para uma rede revendedora de eletrodomésticos*) foi fechado. Obviamente, o cine Diogo, pra grande maioria jovem, parece uma coisa muito desimportante, irrelevante mesmo. No entanto, essa coisa da cidade vai se transformando tanto: um dia é o cine Diogo, outro dia é o prédio “não sei qual”, é um bar, é... que pras pessoas a arquitetura pode não ser uma coisa importante mas a memória afetiva que você tem com a cidade, ela é de uma importância muito grande pras pessoas. Se você mora numa cidade onde você passa e não consegue dizer assim: “Isso aqui eu passava aqui quando era criança”, “Isso aqui eu via quando comecei a estudar na escola”... quando você não tem nenhuma relação com a cidade, você não tem relação com nada! Porque a cidade é o lugar onde a gente mora e se o cine Diogo não tem importância pras pessoas, e se a Praça do Ferreira (*situada no centro de Fortaleza, considerada o coração da cidade*) não tem importância pras pessoas, e se o cinema não tem importância, e se os grupos de música não têm importância, se nada tem importância, o que é que é a vida das pessoas?

Então, nós temos um mundo... porque cultura não é só essa história que nos passam daquilo que é produzido na indústria cultural e que a gente consome; não é só ir ver o *show* da Maria Betânia amanhã, o *show* de não sei quem depois de amanhã... cultura é um conceito muito mais amplo, tem a ver com a nossa vida mesmo, com aquilo que nós, como seres humanos, somos capazes de criar e isso significa pensamento, significa arte,.... significa vida.

Entrevista - Você diz assim: “O que é a vida das pessoas sem o Diogo, sem...”
Beatriz - (interrompendo) Sem as suas referências da cidade, como referência...

Entrevista - Mas num país como o nosso, onde falta emprego, falta educação, falta um monte de coisas, tudo bem. De repente, sai o Diogo, surge



Ela faz o estilo “básica” na hora de vestir-se. Calças jeans e blusa de malha preta lhe dão conforto e mobilidade, mas sem tirar-lhe a elegância.

Durante toda a entrevista, o olhar de Beatriz ia buscar cada interlocutor, como se ela sentisse vontade de encarar mais esse desafio de frente.



Ambição parece não fazer parte do vocabulário de Beatriz. Durante a pré-entrevista, ela revelou que aceitou trabalhar na Folha de São Paulo mais pelo desafio do que pela "grana".

um banco, uma empresa e gera empregos, morre um pouco a cultura... Como é que fica a formação da...

Beatriz - Pois é, acontece o seguinte: eu acho que, primeiro, essas questões culturais pareceram sempre que foi uma coisa secundária, principalmente pra um discurso mais da esquerda (*direita*). Tipo assim: "O que é mais importante é comer, morar..." Eu acho que o importante é que a gente se sinta gente. E isso passa por ter trabalho, passa por ser alguém no lugar onde ele habita, minimamente, na família, ter lugar pra viver, pra morar... essas questões que são mínimas da vida humana. Então, o que é mais importante é que as pessoas tenham referências. Se você pensar, por exemplo, que o trabalhador ganha um salário mínimo e que vai todo dia trabalhar pra fazer alguma coisa que pareça ser importante. Por exemplo, um varredor que vai lá e varre e volta. Você diz assim: "Por que que esse cara trabalha nesse lugar?". Ele trabalha porque ele se incorpora, muito mais do que pra ele se manter, porque praticamente ele não se mantém com o salário mínimo... É importante o seu trabalho não é só porque ele vai comprar arroz, feijão... é porque ele também vai se sentir integrante de um grupo... É importante se levantar de manhã e saber que você vai ter um lugar, que você tem uma certa importância, que se você não for vai fazer falta... Isso é se sentir, de alguma forma, integrado a algum grupo, a uma sociedade, a uma empresa.

O que eu acho é que é óbvio que as questões econômicas passam por cima de tudo. Vai arrastando e vai mudando a cidade. Eu duvido, por exemplo, hoje, que o que ocorreu com o Diogo, ocorra com o São Luiz (*maior cinema de Fortaleza, também no centro da cidade*). Qual é a importância que nós temos no jornal? É de colocar a importância das coisas pras pessoas...

Entrevista - Se o Diogo some, alguma coisa vai ocupar aquele espaço...

Beatriz - A questão não é que o cine Diogo saia de lá. Aí é que eu acho a grande questão que você tem que estar preocupado com aquilo que você está fazendo profissionalmente. Você tem que compreender que o importante não é só "o Diogo saiu ou o Diogo não saiu. Isso vai dar manchete ou isso não vai dar manchete". Isso vai mais além. O que tá mudando na cidade, eu me preocupo muito com as questões da cidade, principalmente em relação aos meios de comunicação, é uma coisa que é da minha tese de mestrado - e é uma coisa que me preocupa muito - e

porque a mudança do Diogo não é só o fato de mudarem o Diogo não. É o fato de que, a partir de agora, todos os cinemas vão estar dentro de um *shopping*. E isso significa que tanto faz você ir num cinema aqui, como em Porto Alegre, como em Nova Iorque, como na cidade que você imaginar... e você vai estar indo sempre nos mesmos lugares! Isso me deixa fóbica mesmo. Isso me deixa com vontade de que a cidade tenha outros lugares que não sejam os *shoppings*! Porque eu não quero o carnaval no Fortal ("*micareta*" realizada em Fortaleza no mês de julho), eu não quero o cinema dentro do *shopping*, eu não quero que as quadrilhas, que as manifestações populares virem essas coisas folclóricas que viram por aí; que as pessoas botam dentro de um lugar e vira um espetáculo conforme a indústria cultural quer. Não é porque eu sou

“Cultura (...) tem a ver com a nossa vida mesmo, com aquilo que nós, como seres humanos, somos capazes de criar. E isso significa pensamento, significa arte... significa vida.”

contra a indústria cultural... eu acho que a indústria cultural é uma coisa super interessante. Eu acho que, por exemplo, o cinema precisa se industrializar aqui no Ceará e precisa ter um espaço grande pra que ele possa se expressar. Mas não pra repetir *Hollywood*! Mas não pra repetir o que já estava feito antes! Mas pra que ele faça algo de novo, como hoje o cinema iraniano está fazendo, como o cinema chinês de alguma forma fez, como na própria *Hollywood* há um pouco dessa tentativa de cinema independente americano expressa no festival do Robert Redford (*ator e diretor americano*), o SunDance, enfim...

Então, quando a gente foi atrás dessa história do Diogo, que foi uma coisa que a gente deu um furo no jornal e que ninguém deu, mas a importância não é só essa. A importância é que nós estamos preocupados, no jornal, com essa coisa do Diogo não por nada. Porque as nossas vidas vão ser transformadas todas em lugares. Nós vamos pro cinema pra ver sempre *Hollywood*? Nós vamos pro cinema pra ver sempre o mesmo espaço? Tanto faz você estar num *shopping* aqui como em qualquer canto, não tem

diferença nenhuma. Isso pra mim é muito forte! É muito forte porque a importância do cinema em cada lugar é que eu tenho uma relação afetiva com essa cidade, com esse espaço, com a esquina que se produz lá, com o lugar onde você encontra as pessoas porque são lugares de sociabilidade. Não são lugares só pra você ver cinema...

Todo mundo pensou que o cinema ia acabar com a televisão, como se pensou que o teatro ia acabar quando surgiu também a TV... eu acho que não! Eu acho que é possível viver o cinema, é possível viver a televisão, é possível viver o cinema eletrônico que com certeza virá... O que eu não posso é ser uma pessoa que tenha responsabilidade de editar um caderno e não conseguir enxergar essas coisas! Dai a importância de você tá alerta nos lugares porque, independente de que as lojas Paraíso (*revendedora de eletrodoméstico que comprou o prédio onde funcionava o Cine Diogo*) estão interessadas na compra e que elas vão e que ela vai conseguir mesmo o espaço do Diogo, mas nós temos que criar um sentimento na cidade de que a morte do Diogo é a morte dos espaços de uma cidade que está sendo posta no lixo, que é o centro da cidade.

Entrevista - E a imprensa? Como tem se posicionado em relação a isso? Ela tem cumprido essa função que você diz: não só de dar o

furo, mas de enxergar essas coisas? **Beatriz** - Acho que somos muito acomodados. Como o espaço de discussão antes era outro, há um tempo atrás o espaço de discussão que existia nas cidades e nos campos se dava nessa história da esquerda, dos movimentos, de organização. Hoje, a cidade de Fortaleza não tem locais aonde eu que tô pensando uma coisa, você que tá pensando, cada um de nós, a gente possa sentar pra discutir isso. Para discutir nada. Não existem espaços coletivos, não existem espaços públicos que possibilitem a discussão. A Universidade é fechada nela mesma. As coisas ocorrem de forma isolada e nós não temos espaços públicos de discussão nenhum. Até porque não é uma coisa importante ter esses lugares. Os espaços públicos que nós temos na cidade são lugares de diversão e de lazer - que são necessários, mas que, no entanto, não ajudam, não é importante.

Eu vou fazer uma pequena comparação. Eu vivi um tempo na Unicamp (*Universidade de Campinas - SP*), quando eu tava morando lá, onde todas as coisas se davam em função da Universidade. A Universidade tinha

A pré-entrevista aconteceu no dia 24 de abril, sob a maior chuva que caiu em Fortaleza durante os últimos 20 anos. Mas a equipe de produção conseguiu chegar e sair sã e salva do jornal.

uma importância muito grande. Então as festas que a gente ia, e ainda hoje é assim porque a Unicamp tem essa importância grande na cidade. E aí tem mais a PUC e outras universidades, é uma cidade basicamente universitária. Como na Unicamp, cerca de oitenta por cento dos cursos são de nível de pós-graduação, tem um pouco também de graduação, a maior parte da graduação também é da PUC, há uma efervescência da discussão muito grande. Então você vai para as festas que vão comemorar defesa de tese e tal. Então, viver nesse clima de estudar, viver nesse clima de defesa de tese é uma coisa que faz parte das festas. As festas, os espaços sociais, estão associados a essa história do conhecimento, da discussão e do debate. O que acho: a universidade se isola na maioria dos lugares do país, não têm qualquer importância. Se você for medir a importância da universidade, ela vai se dar através, no máximo, dos estudantes, da família dos estudantes. Mas para a grande maioria da população, ela não tem quase nenhuma importância, porque a universidade está vivendo um período extremamente desassociado da sociedade. Extremamente desassociado do ponto de vista de que não é que a universidade tenha que viver, não é do ponto de vista da extensão, mas a universidade não faz parte, não fervilha, o que existe na universidade não fervilha na cidade.

Retomando o que eu penso dessa história: é que à medida que a gente não tem espaço de discussão, espaços públicos - e que a universidade não é um espaço hoje, enfim, que não tem grandes espaços de discussão sobre nada - a gente vive de uma forma meio sem saber o que fazer dentro das redações. Você faz as coisas de uma forma um pouco que vão chegando as coisas...

Entrevista - Bia, você, como uma pessoa intelectualizada, como é que você faz para driblar isso, dentro das redações têm os interesses comerciais...

Beatriz - Deixa eu dizer essa história do "intelectualizada": intelectual somos qualquer um que temos capacidade de escrever, de ler... Não somos grupos separados, nós todos que pensamos, que lemos, temos que trabalhar com o intelecto, somos todos. O que é que eu acho? Eu não gosto de fazer essa análise muito pessoal porque fica assim: "eu acho isso". Eu acho o seguinte: é difícil ter toda essa discussão sobre a cidade porque não tem esses espaços públicos de discussão e isso se torna uma coisa sei lá... Eu não tenho outro lugar para dizer essas coisas senão aqui. Não tem como

as pessoas dizerem o que estão pensando sobre essas coisas, porque o local de trabalho não é local muito de discussão, como a universidade também não é um local muito de discussão. Não sei se vocês sentem isso. Mas vocês sentem vindo para a universidade e saem daqui fazendo uma grande discussão? Uma vez ou outra, numa aula legal, enfim. Mas a história como um todo, o dia-a-dia não tem essa prática, não existem grandes interesses.

Por exemplo, eu acho que Porto Alegre é uma cidade um pouco atípica também dos lugares onde eu conheço, onde teve um seminário que era o Michel Mafesoly (*sociólogo francês*), o Edgar Morin (*também sociólogo francês*) e o Baudrillard (*C. Jean, sociólogo francês*). Eu vi na cidade de Porto Alegre uma coisa, ir para uma atividade, um debate de três dias que tinha três, quatro mil pessoas assistindo àquele seminário. Eu fiquei em-

"(...) não existem espaços públicos que possibilitem a discussão. A Universidade é fechada nela mesma. As coisas ocorrem de forma isolada e nós não temos espaços públicos de discussão nenhum."

basbacada quando eu cheguei no Gasômetro - que era o lugar onde ia ter a coisa - e tinha uma fila como se tivesse: "Pô vai ter um show". Eu só vi isso nos grandes shows do Paulo Sarasate (*ginásio coberto de Fortaleza*). E eu via assim: pô, existe um espaço ali de discussão e eu digo porquê. Porque Porto Alegre vivia uma coisa muito especial. A administração - não só porque é do PT não, porque Curitiba também tem isso e é uma administração do Jaime Lerner (*PDT*) - o PT construiu na cidade um espaço de discussão pública interessantíssimo. É impressionante! A administração do PT lá tinha essa capacidade de fazer essa coisa. Além do que Porto Alegre tem outras características. É uma cidade de classe média muito grande - nossa classe média aqui é muito pequena - que é quem vai ao cinema. Tanto é que a quantidade de cinema lá é enorme, a quantidade de livraria lá é enorme, porque a classe média, essa diferença bruta que nós temos de um pouquinho só ter condições de ter e quase ninguém tem nada e a classe

média desse tamaninho, né? Lá não. A classe média é um setor muito grande, então tem condição de comprar livro, de ir para o cinema, porque tem que ter minimamente condições para poder fazer essas coisas.

Então aqui essa coisa não existe. Eu não vou lá pro jornal para a gente discutir essas coisas. A gente vai pra trabalhar e chega lá cada um vai fazendo... E o que que a gente tenta? Tenta criar algumas práticas, ou seja, fazer reuniões para que a gente discuta pautas todo mundo junto. Não pra discutir: "amanhã a gente vai fazer isso, depois de amanhã fazer aquilo..." Não, mas pra que a gente crie um espaço. O que que eu tenho tentado quando entrei lá? Ter a prática de uma reunião semanal aonde a gente debatesse as grandes questões. Debate não é fazer pauta: "Porque amanhã nós fazemos isso, depois de amanhã tem isso". Claro que também tem o dia-a-dia.

Mas, assim, fazer da questão indígena uma questão importante, porque nós somos índios e nos negamos enquanto índio, nós nos negamos culturalmente. Pra discutir a questão do patrimônio histórico, dessa memória afetiva da cidade, dessa coisa mais do que do patrimônio histórico, pra a gente fazer defesas - porque você tem que ter uma linha editorial - pra que a possa passar dessa coisa do factual, de cobrir a cultura como se cobre - faz um show hoje, um cinema amanhã - mas que a gente faça um espaço de denúncia. Fazer um jornalismo cultural hoje mais interessante é resgatar a reportagem pra essa área. Você pega os jornais de cultura e veja o que tem de reportagem, é quase nada.

Agora mesmo, pegando o exemplo do trabalho que tá fazendo a Janaina e a Ana Cláudia (*Janaina Braga e Ana Cláudia Peres trabalham no jornal O Povo*), que estão levantando a história da meia-entrada nos cinemas. Elas estão há quase uma semana levantando um material enorme que vai sair aí pra poder fazer denúncias de que existe uma Lei Municipal que garante meia-entrada em todos os espetáculos - e que os estudantes nem sabem, nem usufruem dessa história. Na semana passada, depois de uma reunião que teve aí, alguns lugares inventaram que ia ter meia-entrada e duplicaram o valor do ingresso pra poder burlar a lei. Quer dizer, essas coisas estão todas passando por aí e a gente percebe muito pouco. Porque é impressionante como nós próprios somos mal informados. Porque essa Lei existe desde 89 e ninguém usa disso.



Quando perguntada se poderia ser uma das entrevistadas do projeto da revista, Beatriz disparou: "Eu? Quem sou eu para participar da Entrevista?" Mas aceitou sem insistências.

Durante a pré-entrevista, Beatriz falou das experiências que teve em São Paulo. Ela revelou o quanto era sonhadora e como amadureceu morando numa república de estudantes, aos 17 anos



Algumas pessoas já haviam sido alunas da Beatriz nas disciplinas de Teoria da Comunicação I e II. Ela disse, durante a entrevista, que lembrava de algumas "figuras"

Entrevista - Mas Beatriz, quando você diz que a gente não usa disso, não entraria aí a questão de o governo praticar uma lei? Porque no Brasil existem mil leis, mas praticar... Se foi feita a lei, então, tem que ser executada e os meios de comunicação têm que informar que existe essa lei...

Beatriz - Pois é... Se a gente ficar - gente que eu digo é o jornalista que tá passando por isso - se a gente não vai atrás disso, se a gente não vai atrás disso, a gente não cumpre minimamente com a nossa obrigação. Primeiro, de informar as pessoas que ela existe, de fazer com que as pessoas compreendam que há formas e mecanismos pra que essa coisa seja cumprida. Pra mobilizar as pessoas, para que as pessoas briguem por isso. Eu digo que a gente é mal informado e que a gente não tá atento para as coisas que tão acontecendo porque as coisas vão passando despercebidas (sic) e nós somos levados a fazer aquilo que a indústria cultural nos impõe. E nós não vamos atrás, não é uma prática do jornalismo cultural ir atrás de fazer grandes reportagens. Não só grandes reportagens de denúncias - que eu acho que é importante - mas também grandes reportagens sobre a vida das pessoas. A vida das pessoas faz parte do jornalismo cultural. A história de vida das pessoas. Nós assistimos há pouco uma violência enorme nas telas que repercutiu no mundo inteiro, que foi o índio sendo queimado por cinco jovens. E isso nos diz respeito, isso faz parte das nossas vidas. Sabe quantas pessoas são queimadas, quantas pessoas são agredidas no meio da rua e que a gente vê todo o dia e que essa violência se banalizou a um ponto de que o nosso olhar não percebe mais isso? Nós estamos despercebidos de tudo. Não é só o governo que tem que estar fiscalizando as coisas não. Eu acho que o governo tem milhões de obrigações, mas eu acho que também nós incorporamos isso.

A Ethel (*Ethel de Paula, também do jornal O Povo*) fez uma matéria, a propósito desta história da violência, em que quatro meninos de rua queimaram as pernas de uma mendiga, no meio da rua. E você vê isso. Sabe quando você reflete sobre isso? Quando isso vira notícia, quando isso vai para a tela da Globo, entendeu? Isso daí passa despercebido, porque nosso olhar, nossa forma de enxergar as coisas está extremamente "dentro de um shopping" - tá a melhor metáfora que se pode ter pra esse tipo de coisa. Nós não enxergamos nada! Nós não nos assustamos com nada! No entanto,

quando isso vai para a tela da Globo... Quantas vezes você já viu as pessoas apanhando no meio da rua? Quantas vezes você já viu a polícia sendo truculenta com todo mundo? Quantas vezes você já viu "filhinhos de papai" fazendo verdadeiros crimes com as pessoas porque se acham donos do mundo? E isso passa despercebido. Isso não vai pra a imprensa! Isso não é notícia! É isso que eu tô dizendo. Nós temos que nos mexer pra fazer disso notícia. Porque a gente sabe, nós vivemos num mundo que, ou as coisas viram fato, viram notícia nos meios de comunicação, ou elas não existem!

Entrevista - Então Beatriz, quando você coloca que o jornalista tem esse poder de informar, que a imprensa é capaz de mobilizar essa consciência,

“Não é uma prática do jornalismo cultural ir atrás de fazer grandes reportagens. Não só grandes reportagens de denúncias, mas também grandes reportagens sobre a vida das pessoas.”

você está de acordo que a imprensa é o quarto poder de fato?

Beatriz - Eu acho que a imprensa tem um poder enorme. Eu fico muito preocupada que nós vamos trabalhar na imprensa - quando eu digo nós, não é só quem tá entrando não, são os que já estão lá há não sei quanto tempo, eu digo nós todo mundo. Eu sou muito preocupada de que a gente não sabe a importância, a gente não tem idéia da importância que nós temos. Volto a retomar: da responsabilidade que nós temos porque a imprensa é que faz os fatos. Você viu, existia antes alguém sendo espancado fora daquele dia que saiu na tela da Globo? Não existia! Nós vivemos assim: sabe o que é essa coisa de que você passa, você vê as coisas e não enxerga absolutamente nada? Não lhe diz nada. Eu acho que o papel do jornalismo essencial é desbanalizar, tirar as coisas do lugar comum. A notícia não é algo que vem de fora, que existe não sei aonde, que é uma coisa espetacular, não. A notícia está aqui, entre nós. Tá na rua, tá nos fatos e o que resta é a gente ter a capacidade de enxergar isso! Eu acho que a imprensa não é, eu não sei se é o primeiro, o segundo, o terceiro ou

quarto poder, não. Em alguns momentos ela é o primeiro, em algum momento é o segundo, em geral ela não tem importância nenhuma porque ela não faz absolutamente nada. Os poderes não estão constituídos, assim como a cultura não é algo constituído. É algo que se processa. Nós, quando estamos pensando a imprensa aqui, nós estamos construindo um olhar sobre essa imprensa. Então, ela não existe, a imprensa existe aqui e ela é um poder tal, não. Ela só tem poder na medida em que ela interfere, na medida em que ela faz alguma coisa. Senão ela constitui essa coisa que deixa tudo empastelado... surdo, mudo, todo o mundo, entendeu?

Entrevista - Na sua carreira como jornalista, você atuou muito pouco como repórter. No jornal O Povo - na editoria de Polícia - e na Manchete. Nos outros meios de comunicação, você trabalhou como editora, ou seja, conduzindo as pautas. Como é que você vê, diante do que você coloca aí, do fim dos ideais coletivos, dessa banalização da imprensa - que na verdade ela deveria desbanalizar -, como é que você vê o papel do editor, como é que é sua experiência na imprensa neste sentido?

Beatriz - Primeiro essa experiência como repórter policial. Eu acho que parece até chavão, todo mundo fala, é uma coisa muito comum.

Mas eu acho assim: é muito legal você passar pela editoria de polícia, como repórter. Muito interessante, principalmente do ponto de vista do texto. O texto é muito difícil porque você lida com muitas informações imprecisas, com contradições muito fortes, está sempre em jogo alguma coisa. E, além do mais, você vive no "mundo cão", choca pra quem sai do seu lugar, dos ar-refrigerados da redação e vai para a rua fazer polícia, começa se assustando muito com o mundo cão que é mesmo essa história da polícia. Eu acho que é uma experiência, pra texto, super legal porque é difícil escrever para polícia, muito difícil, fazer um bom texto no jornalismo policial. E, por outro, lado impõe que você tenha muito rigor com a informação porque você vai citar nomes de pessoas, você vai lidar com informações contraditórias. É bem interessante.

Realmente eu gostaria de ter sido muito mais repórter e acho que toda pessoa que gosta de ser jornalista, gosta mesmo é de ser repórter, porque quer estar na rua, por um lado. Eu acho, não sei se esse é o espírito de muita gente, mas uma boa parte dos jornalistas gosta de ser jornalista por-

No relacionamento com a filha Nana, de 16 anos, Bia diz que é "mais amiga do que mãe". Beatriz acha que a filha tem admiração pelas coisas que ela faz.

que gosta de estar nos lugares aonde as coisas pretensamente acontecem. Assim de estar sabendo, de ter uma avidez muito grande. Eu tenho uma avidez muito grande dessa coisa... Se eu pudesse ser uma pessoa que no dia em que está acontecendo a história da polícia, lá no presídio, que houve essa rebelião, aí eu ia tá lá. Noutro dia, que a grande história é a da venda da Vale do Rio do Doce, eu gostaria mesmo de estar na venda da Vale. Se eu pudesse, na hora que estivesse tendo o Festival de Cinema aí eu ia para o Festival. Eu acho que o grande prazer do jornalista é estar nesses lugares onde as tensões estão naquele dia. Eu acho que a melhor coisa é ser um repórter que pudesse estar no dia em que todas as coisas mais importantes estivessem acontecendo. Sinceramente quando eu tô lá no jornalismo, editando o caderno de cultura e tá tendo uma rebelião lá, eu me sinto extremamente frustrada de não estar no meio da rebelião fazendo as coisas.

Entrevista - Nessa sua pouca experiência como repórter, qual foi a matéria que mais lhe agradeceu fazer?

Beatriz - Foi uma coisa que acabou virando da editoria de polícia - porque na Folha não tinha a editoria de polícia, era de cidade. Aliás, é uma tendência em todos os jornais que acabem com as editorias de polícia e elas fiquem na cidade para poder ganhar um outro tratamento. Eu era editora na Folha lá em campinas, que é uma Sucursal de Campinas, nós éramos 17 pessoas lá. Campinas é muito próximo de São Paulo e aí a gente é quase como se tivesse em São Paulo. E como eu tinha aula duas vezes na semana em São Paulo, eu fiz umas trocas e acabei que eu nunca tinha folga e, exatamente eu era editora, mas nos finais de semana que eu trabalhava como repórter que era pra cobrir os dois dias na semana que eu ia para São Paulo, para a aula.

E teve um caso, foi um caso super interessante. De exatamente um policial, numa cidade próxima de Campinas, que matou um rapaz que era um domador de cavalos. E, por algum motivo, o policial era um cara muito truculento - tinha inclusive uma história de ter matado um mendigo que estava roubando uma comida no supermercado de lá e havia uma suspeita e, provavelmente foi, só que ele nunca foi julgado... Eu achei muito bom estar lá, apesar da história triste que era. Então, esse cara matou esse domador de cavalos numa discussão banal. E eu fui pra lá com o fotógrafo do jornal para fazer uma cobertura simples. Aí

eu fui lá e acabei que fiquei quatro dias lá, com a mesma roupa, era uma cidade muito pequena, não tinha hotel, não tinha nada. Aí eu fui para o enterro e começou um clima no enterro desse domador que era assim: todos os domadores de cavalo da cidade - porque há muitos haras em São Paulo e ali é uma região próxima a Campinas - estava ali, no enterro conversando, com pessoas revoltadas com esse policial que tinha fugido - o delegado, para que ele não fosse morto pela população que se revoltou no dia anterior, tinha escondido, então a população estava revoltada com o delegado, porque não tinha feito a prisão em flagrante e foi se criando um clima no enterro muito interessante. Porque iam chegando os caras, todos a cavalo, um grupo enorme com motos, e era um "chororô", uma confusão enorme, uma revolta muito grande na cidade e eu fiquei ali acompanhando o enterro.

“A notícia não é algo que vem de fora. A notícia está aqui, entre nós (...) o que resta é a gente ter a capacidade de enxergar isso!”

Quando chegou na frente da casa do cara que tinha matado, que eles passaram com o caixão, eles soltaram o caixão lá, deixaram no meio da rua e, todas as pessoas que estavam nesse enterro tocaram fogo na casa do policial, que era numa avenida da cidade. Queimaram toda a casa, queimaram o carro que tinha na casa e invadiram a delegacia, queimaram a delegacia, depredaram e queimaram todos os carros. Foi uma coisa que você dizia assim: “Pô, é o fim do mundo”. O caixão no chão, tudo sendo queimado e a polícia, durante um bom momento, fez até muito bem porque não interferiu naquele momento. A polícia não foi lá porque se fizessem qualquer coisa eles iam matar a cidade inteira.

E acabou que eu fiquei lá três dias fazendo a cobertura e entrei numa casa e ficava ligando para São Paulo, eu já tinha mandado a matéria cedo, dizendo o clima da cidade. Mas aí, quando começou a confusão, eles estavam fechando em São Paulo, então eu entrei na casa de uma senhora, essa senhora começou a passar mal. Eu pedi pra telefonar para mandar a infor-

mação para São Paulo, e eu ficava com o telefone, numa das casas da avenida, ligando pra São Paulo, com o pessoal da editoria lá em São Paulo fazendo a matéria, eu dizendo por telefone e eles escrevendo, e essa mulher passando mal. E aí eu dava água para a mulher, para a velhinha, com medo da velhinha morrer (*risos*) e ia lá fora ver o que estava acontecendo e entrava correndo e foi um tumulto. Acho que foi uma das coisas que mais... primeiro porque foi surpreendente, eu não achava que aquilo fosse acontecer, não estava previsto, eu tive que ficar lá três dias, praticamente a gente ficou dormindo no carro, não tinha lugar pra ficar, a polícia sitiou a cidade. Isso foi uma experiência muito interessante.

*Entrevista - Beatriz você como editora de um caderno do O Povo, como você consegue conciliar esse ideal de des-
perter a coletividade para a realidade e o próprio caráter do jornalismo atual de imitação da realidade?*

Beatriz - Eu não me sinto uma pessoa que entende de todas as coisas não, muito pelo contrário. Nós não somos assim “os iluminados” e a população precisa ser ... não. Não existe essa relação. Existe o seguinte: ou nós cotidianamente nos angustiamos - do ponto de vista positivo, não a angústia de tá se deprimindo, mas a angústia pra fazer alguma coisa e agente consegue enxergar alguma coisa e aqui e ali a gente consegue enxergar alguma coisa. Não existe a compreensão de todas as coisas, não. Às vezes você se pega enroscada numa coisa, entende? Porque você não é capaz de enxergar também. Quer dizer, não existe essa relação: “Eu enxergo as coisas, nós, o grupo, sei lá o que enxergamos todas as coisas, não”. Esse processo é um processo ... ninguém tá pronto. Nós estamos nos fazendo todo dia. Então, um dia a gente faz legal, outro dia a gente não consegue, às vezes passa batido, às vezes a coisa do cotidiano deixa você... porra, não tem como você se manter nesse pique de que você vai poder fazer todas as coisas boas. A angústia que eu acho que nós todos temos que ter como profissionais pela responsabilidade que nós temos faz com que aqui e ali a gente consiga fazer uma coisa legal. Aqui e ali a gente: “Pô, massa, conseguimos fazer uma coisa legal, pô, que coisa boa”. Pode até nem ter essa importância toda, mas é aquilo que a gente consegue fazer. Então, eu acho que a luta diária do jornalista não é só a luta contra fragmentação. É a luta de nós mesmos para que a gente consiga fazer uma coisa legal, interessan-



Na pré-entrevista, Beatriz falou que é “fã” do Lula, embora não exerça mais a militância política pelo PT, ou por qualquer outro partido. Ela repetiu essa observação na entrevista.

Antes de começar a entrevista, uma pessoa da equipe de produção fez a apresentação de todos os participantes. As cadeiras estavam dispostas em círculo, lembrando o “Roda Viva”.



Beatriz define o pai como seu "porto seguro". Ele deu a força necessária para ela tomar as decisões mais importantes da sua vida. "Tudo o que eu fiz tinha o consentimento dele", declarou.

te, que a gente tenha consciência. Porque passa, passa que você diz assim: "Porra eu não faço nada! O que eu faço é uma droga, eu acho que a maioria das coisas que eu faço é muito ruim", entende? Não é uma coisa legal, aqui e ali nós conseguimos fazer uma coisa boa. Se a gente conseguir fazer uma coisa boa no mês, porra vai ser massa.

Entrevista - Boa para quem?

Beatriz - Boa que você diga assim: "Que material interessante", entendeu? Por exemplo, se a gente conseguir fazer um material bom sobre essa história da meia-entrada, por exemplo, que é uma coisa que pode mexer com a cidade, retomar essa discussão, se a gente levantar essa coisa. Se a gente conseguir com essa história dos índios, né? Fazer uma coisa minimamente interessante que faz com que você se sintá assim: "Porra nós precisamos nos reconhecer como índios, índios, quase todos temos caras de índios". Porque nós não podemos ser essa coisa que acha que o europeu é... sabe essa coisa nazista, fascista que acaba com a nossa cultura que diz que nós não prestamos. Porque nós somos muito isso. Nós queremos é ir embora o tempo inteiro porque aqui não presta, entendeu? É resgatar essa dignidade.

Entrevista - Beatriz, você não tem medo de fazer um jogo, um paralelo tipo um jogo que ponha a gente como você fica feliz porque um rapaz...

Beatriz - É porque eu acho que a gente não pode ter uma visão imediata. Não é só porque eu acho que vou ficar feliz... Porque se a gente conseguir com essa história da meia-entrada, que as pessoas consigam pagar a meia-entrada, é uma coisa muito importante mas mais do que isso nós vamos estar resgatando aí a coisa da cidadania, de que você pode mudar as coisas. Consciência de que você tem direitos. Nós temos que resgatar isso, a idéia de que nós temos direitos. A idéia de que nós temos capacidade de mudar as coisas. Porque se a gente entra numa coisa de que nós somos nada, que importante mesmo é o Sul do país, que o importante mesmo é fora do país, que o importante mesmo... Que nós não valemos nada, que as nossas coisas não têm... que tanto faz a gente sair de casa... uma pessoa mata outra, no outro dia a polícia não pune, tanto faz... Se esse clima de incapacidade se integrar, fizer parte da gente como gente, então nós não somos nada, nós não somos ninguém. É isso que eu digo, a meia pode não ser nada. Amanhã, vamos supor que todo

mundo passasse a entrar nos espetáculos pagando meia, isso não é nada do ponto de vista da importância de que você conquistou isso, de que você tem dignidade, de que você é gente, de que você pode, entende?

Entrevista - Beatriz, têm duas questões fundamentais na sua trajetória que a gente precisa falar. Uma delas é a sua relação com os estudos, primeiro como estudante ativa, depois como professora no Sul do país e depois aqui. Eu queria que você falasse um pouco dessas experiências, tanto de épocas e de realidades, em termos de Universidades, diferentes. E depois, da relação do seu estudo com o jornalismo.

Beatriz - A experiência que eu tive no movimento estudantil, em São Paulo, foi muito importante. Primeiro, porque eu acho que eu vivi num período, bem no início dos anos 80 - 79, 80, 81 -, que o movimento estudantil tava num momento de muita efervescência. Eu fui morar numa casa de estudante, fui presidente da casa de estudante, fui do centro acadêmico e vivi uma experiência muito importante, do ponto de

“A luta diária do jornalista não é só a luta contra fragmentação. É a luta de nós mesmos para que a gente consiga fazer uma coisa legal, interessante, que a gente tenha consciência.”

vista de que a universidade não era só um local pra gente ir pra lá e assistir aula e ir embora, mas era um local de convivência muito importante. Do ponto de vista cultural, do ponto de vista político, do ponto de vista das relações pessoais e isso significa da forma como as pessoas compartilhavam um ideal mais comunitário.

E essa experiência é muito significativa na minha vida porque ela vai fundar toda a idéia que eu tenho de que a gente não é capaz de fazer as coisas sozinho e as coisas só acontecem com prazer porque elas são feitas de uma forma em conjunto. Eu acho que é muito, muito ruim você conquistar uma coisa sozinho e não ter com quem dividir isso. Sejam as mínimas coisas... assistir uma peça, ouvir uma música e não ter com quem compartilhar a beleza das coisas é muito triste, é muito ruim. Ou as coisas são feitas de forma conjunta ou então essas coisas não têm sentido. Eu acho que as

coisas se constroem nas outras pessoas e não só no sentido de estar só dentro da gente, não é só uma construção nossa, é uma construção coletiva. Eu compreendo que não é coletivo só no sentido social, não. É um social. É também nesse sentido de que a vida só tem sentido quando você vê isso no outro, você se enxerga no outro. Você não se enxerga sozinho, você se vê nas outras pessoas, naquilo que você faz, naquilo que você constrói.

Então, a experiência que eu tive com o movimento estudantil em São Paulo foi interessante. Era a primeira experiência em que a casa onde todo mundo morava era a casa de todos. As pessoas vinham e passavam o final de semana. Se você dissesse assim: "Ah, vai ter não sei o que no final de semana", vinha todo mundo. Não era só o movimento estudantil que a gente fazia junto, não. A gente fazia junto outras coisas: ir para o teatro junto, ir acampar junto, ir viajar junto, tudo era uma coisa em conjunto. Depois que eu fiquei grávida, que eu tive a Nana (*Nádia Furtado*) - eu tinha 19 anos quando eu fiquei grávida - e a Nana era cuidada por todo mundo. Nós não vivíamos sozinhas. Não existia essa coisa de que você vem e vai pra casa, não.

A Universidade era um lugar onde a gente construía as coisas junto, onde a gente pensava as coisas junto, onde a gente dançava, onde a gente lia, onde a gente brigava, onde a gente dividia as idéias que a gente tinha sobre o mundo. Então, é uma experiência muito diferente, sem nenhum saudosismo - que eu acho que as coisas não retornam. Elas são únicas e em determinado momento a gente vai mudando, e as coisas vão se construindo e você vai vivendo outras coisas. Mas eu quero dizer que é muito diferente do que é o ambiente da universidade hoje. Eu acho que o espírito dessa coisa mais coletiva mesmo, que o movimento estudantil de alguma forma nos ajudou a construir, ele hoje se perde.

Eu sempre achei que a grande coisa da minha vida é o seguinte: eu quero ser jornalista porque eu adoro estar no centro das coisas que estão acontecendo. Então isso para mim era a coisa mais interessante. E essa coisa de você fazer hoje e está sendo publicada amanhã é uma coisa fascinante. Por outro lado, essa coisa é muito fragmentada, muito do dia-a-dia. Então, eu precisava de uma base que me desse sustentação, uma coisa mais consolidada onde eu pudesse pensar melhor. Daí eu tinha muita vontade de dar aula na universidade.

Então eu sempre tive essas duas

Casada uma única vez, Beatriz mantém uma boa relação com o ex-marido. Ela disse, durante a pré-entrevista que eles eram tão amigos que "bateu um sentimento de culpa na hora de se separar".

coisas muito fortes. Primeiro porque eu sempre tive uma relação com a universidade onde o melhor lugar do mundo pra mim é a universidade, porque quando você vai trabalhar noutros lugares, em empresas privadas, você começa ter uma relação profissional que não se estende muito. Cada um está lá com seus interesses, entende? Todo mundo quer ser jornalista mas cada um tem seu caminho, traça seu caminho. Na universidade não. Como sempre foi um espaço de reunião muito interessante, onde você pode discutir, debater, onde você, teoricamente, pode. É um espaço possível, é um espaço organizado pra isso. Então, sempre pensei: a universidade é o meu lugar, onde vou me sentir mais em casa. Além do que é legal porque tá todo mundo querendo estudar, porque eu gosto de estudar, e porque eu acho que discutir, debater, estudar é uma coisa muito interessante. Eu acho que se a gente não fizer isso, não sei o que faço da minha vida mais (risos).

Entrevista - Você tocou em dois pontos na militância, no movimento estudantil, e na sua vida acadêmica. Eu queria aprofundar um pouco mais a questão da esquerda, do engajamento. Como é que se deu essa ruptura, essa coisa da Bia ser engajada, tá participante, tá atuante, houve a campanha da Maria que todo mundo se empolgou, a vitória histórica mas depois... A participação política?

Beatriz - Eu hoje não tenho mais quase nenhuma militância. Eu não sou uma militante de nenhum partido - embora eu seja PT de coração, doente. É o partido do meu coração. Porque eu fui uma das pessoas que ajudaram a fundar o partido, foi do movimento pró-PT, que era exatamente do movimento estudantil em 79. E a gente achava que ia construir uma coisa muito legal e de fato foi construído um partido muito interessante, né? Que tem uma trajetória muito interessante e talvez o único partido hoje, no que pese, que os partidos estão completamente esfacelados, de alguma forma ainda é, ainda existe algum espaço. Mas já tem problemas muito grandes.

Então eu tive a experiência de fazer parte da equipe que criou, fez a parte de comunicação da Maria Luiza aqui em Fortaleza. A gente era um grupo de pessoas que virou um grupo de amigos. Alguns se conheciam, outros não se conheciam e a gente acabou vivendo a campanha da Maria de uma forma muito legal porque tinha gente de todo jeito. Tinha eu, que era uma ex-militante trotskista, que vinha da Convergência Socialista. Tinha o Fernandinho

(Fernando Costa, publicitário) que vinha da Libelu (*Liberdade e Luta*), outra grande corrente trotskista do movimento estudantil. Ai tinha o Paulo Mamede (jornalista), que era ligado a outro grupo de esquerda mais daqui. Ai somou com o Moura (Marcos Moura, diretor de cinema), outras pessoas que estavam querendo estudar cinema, outro pessoal... o Paulo Linhares (jornalista, atual secretário de cultura do governo do estado), que era redator de agência de publicidade. Enfim, a boa é que a gente virou um grupo completamente envolvido com a campanha da Maria, que fez tudo de graça. Não tinha essa idéia de trabalhar na campanha para ganhar dinheiro. A coisa mais legal do mundo era ver um programa que a gente fazia na tela, na TV.

E ai a Maria Luiza acabou ganhando, por uma série de razões, porque ela corria numa linha bem isolada, porque ninguém batia na Maria Luiza. O confronto mesmo era entre os grandes. Ai

“A Universidade era um lugar onde a gente construía as coisas junto, onde a gente pensava as coisas junto (...) onde a gente dividia as idéias que a gente tinha sobre o mundo.”

acabou ganhando a eleição, nós entramos na prefeitura para coordenar, para fazer parte da equipe de comunicação da Maria Luiza. Enfrentamos muitas dificuldades.

Eu teria que fazer uma análise muito profunda para ver no que deu a administração da Maria Luiza. Mas o fato é que a militância se esfacelou. Na verdade eu saí da administração da Maria Luiza não quando ela foi expulsa do PT, mas quando ela deixou de lutar para voltar para o PT. Dai passou o tempo e ela entrou no PSB e eu resolvi sair. O Agostinho Gosson (jornalista, professor do curso de Comunicação da UFC) assumiu, eu não podia ficar lá porque não era do PSB, obviamente não queria ficar lá porque não era do partido, eu era do PT. Mas ai fui para Porto Alegre, convidada para fazer a campanha do PT em Santa Maria. O candidato da prefeitura era o Marcos Rolim, que hoje é deputado estadual lá - que era assessor da Maria durante um período. E fui para lá, acabou que me desvinculei do PT

daqui. Ai quando eu voltei da campanha de lá, logo fui para Campinas para fazer mestrado e acabei... Claro, fiquei como militante mas não no partido, mas apoiando a campanha do Lula, apoiando campanhas da prefeitura do PT que também é... logo que eu fui para Campinas o PT também assumiu a prefeitura lá. O prefeito era o Jacó Biltar e depois comecei a trabalhar e fui para o Rio Grande do Sul, para a universidade dar aula e ai também tinha uma relação com o PT, mas não uma relação de militância mesmo. Acabei virando, no PT, uma pessoa que trabalhava na época de campanha eleitoral, fazendo os programas de TV. E hoje o partido não tem um espaço de militância interessante. O partido hoje não congrega, na minha opinião, o melhor da discussão política.

Entrevista - As suas duas últimas experiências foram no Sábado, que é um caderno eminentemente voltado para cultura, e agora o Vida e Arte, que é mais um caderno de variedades porque acaba contemplando uma porção de coisas. Algumas pessoas fazem uma crítica, principalmente em relação à época do Sábado, mantido pela Secretaria de Cultura, que vincula a tua imagem à imagem do Paulo Linhares. E que acham que tanto o Sábado quanto o Vida e Arte não têm uma visão crítica em relação aos projetos da Secretaria de Cultura. Como você se posiciona em relação a isso?

Beatriz - Bom, primeiro o projeto do Sábado. Eu tenho nenhuma dificuldade de dizer que o projeto do Sábado foi um projeto que... Basicamente, tirando assim... Que a gente teve de fazer, que eu acho que deveria ter feito foi a cobertura da Feira do Livro. O fato da Secretaria ter apoiado o Sábado durante um certo período - ter sido o financiador - não interferiu de jeito nenhum na política editorial do Sábado. A experiência que se comprova, pelo menos que a gente viveu: eu, Lira (*Lira Neto*, editor assistente do jornal *O Povo*), Ethel (*de Paula*) e Ana Cláudia (*Peres*), fora essa história de que nós de fato cobrimos, não teve interferência da Secretaria. Claro que eles diziam assim: “Bom tem isso aqui é legal”, e a gente fazia exatamente aquilo que nós, os quatro, decidíamos que deveríamos fazer. Isso não é de menos ou é de mais, não. Eu acho que quem tem que decidir o que deve ser feito e o que não deve não é só o editor e os repórteres. O que eu, Lira, Ana Cláudia e a Ethel temos que só nós decidindo faríamos o melhor caderno? Eu acho que não é isso. Como por



Beatriz mostrou-se mais nervosa durante a entrevista. Ela sorria e gesticulava muito, tentando esconder o constrangimento da “berlinda”.

A equipe de produção teve “um monte” de trabalho na hora de fazer a edição. Todos os prazos foram extrapolados mas o professor teve piedade!



Beatriz revelou, durante a pré-entrevista, quem merece sua admiração: o professor Manoel de Oliveira. "Ele é uma pessoa que tem um prazer enorme em aprender", disse.

exemplo, eu acho que há um preconceito muito grande de que pautas que vêm da direção do jornal não prestam. Isso não é verdade. Como pautas que vêm da Secretaria de Cultura não prestam, da prefeitura não prestam. Não é isso. Depende de como eu trato essas coisas.

Por exemplo, eu pergunto qual foi a grande denúncia que foi feita da Secretaria de Cultura do Estado por um órgão que tem o maior interesse contra o Estado que seria, vamos supor, o Diário do Nordeste, quem tese teria uma briga contra o governo do Estado. Qual matéria, com a independência e sem essa interferência, foi feita pelo Diário que a gente deixou de fazer porque tínhamos alguma vinculação com a Secretaria de Cultura? Onde, em algum momento, eu pergunto, havia denúncia de alguma coisa fora dos meios de comunicação que não foi denunciado no jornal porque nós éramos pagos, vamos dizer assim, diretamente pela Secretaria de Cultura? Eu desconheço, posso estar errada. Me dê um exemplo de algo que deixou de ser dito. Porque se a gente não foi capaz de fazer a crítica à Secretaria de Cultura é porque nós somos incapazes de fazer essa crítica. Eu não digo que isso não seria barrado, vamos supor que nós temos uma grande denúncia contra a Secretaria e que nós vamos dizer amanhã e que é possível que o jornal diga: "Não, nós não vamos dar isso", vamos supor teoricamente. Eu desconheço.

Se nós não fizemos críticas severas às coisas da Secretaria é porque somos incapazes de fazer essas críticas. Não foi porque fomos impedidos, não. Aliás, se nós não fazemos um bom caderno não é porque o Demócrito (*Demócrito Dummar, dono do jornal O Povo*) não deixa. Eu garanto para vocês. Eu digo com sinceridade: se nós não fazemos melhor do que fazemos é porque somos incompetentes para fazer. Eu não estou dizendo que não tem uma matéria: "Ah, tem uma peça não sei de quem que é irmão de não sei quem, põe aí". Mas isso não nos fere, isso é o de menos. Já se foi o tempo, eu acho, de que a gente tinha a desculpa de que não fazíamos alguma coisa porque éramos proibidos de fazer.

O que eu quero dizer para vocês é que eu não tenho a experiência, nunca tive a experiência de alguma coisa que não pudesse ser dita, pelo menos nas áreas que eu trabalhei. Eu posso até dizer o seguinte: nós temos uma pauta que há um tempão a gente vem discutindo, que é a privatização da praia - colocando a história do Beach Park que é o grande anunciante do jornal. O que eu quero dizer é que somos inca-

pazes de fazer uma crítica àquilo que está posto aí. Nós é que somos incapazes de fazer uma coisa melhor do que fazemos. Então, a responsabilidade não é do Paulo, não é do Demócrito, a responsabilidade é nossa que fazemos o jornal. Quem tá decidindo a grande maioria das pautas somos nós. A dificuldade que nós temos hoje, é de a gente ser capaz de fazer uma coisa interessante. É que nós temos profissionais na imprensa capazes de enxergar um palmo a mais do que aquilo que está posto na nossa frente.

Não interessa se o projeto é financiado - porque se não for financiado pela Secretaria de Cultura é financiado pelos anunciantes do jornal. Não existe essa coisa de você está desvinculado. O jornal é pago, nós vivemos assim. E, se não for assim, vai ser do Estado. E se não for assim, é do sindicato, é de um movimento popular. Eu acho que

“A dificuldade hoje (...) é que nós temos profissionais na imprensa capazes de enxergar um palmo a mais do que aquilo que está posto na nossa frente.”

o grande desafio nosso é como sermos capazes de fazer algo diferente, novo, inteligente, interessante. E outra coisa, não tenho nenhuma dificuldade de ter minha imagem vinculada ao Paulo. Acho que a Secretaria de Cultura tem feito coisas positivas, muitas coisas positivas. No que pese que eu não tenho nenhuma vinculação com o PSDB, com coisa nenhuma, política do governo, de jeito nenhum. A minha vinculação com o Paulo é afetiva. Isso não me impede, pelo contrário, é uma das pessoas que eu conheço que tem a maior capacidade de fazer remexer as coisas. Isso não impede que na hora que tenha alguma coisa contra ele... O Paulo, com o projeto do Fausto Nilo (*arquiteto cearense*), interferiu na Ponte (*Ponte Metálica, construída pelos ingleses*). Se eu tenho alguma coisa a dizer sobre isso, que eu não estava aqui na época, ou estava chegando. Eu adoro Fausto Nilo, é uma pessoa que eu tenho a maior admiração, mas eu acho... Acho bonita a Ponte? Acho. No entanto, a Ponte poderia ter sido reconstituída de uma forma que não modificasse aquilo porque era uma memória afetiva que cidade tinha da Ponte daquele jeito que ela era.

Entrevista - Vamos falar da Beatriz como mulher. A gente percebe, como você falou na pré-entrevista e agora, que você é uma pessoa que viajou muito e tem uma inquietude muito grande. Então, como é que fica isso em nível pessoal, digamos assim, construir o que todo mundo chama de família. Complementando a pergunta, antes existia aquela coisa do coletivo, de está todo mundo junto, morando em casa de estudante, então tinha sempre a presença dos amigos e de certa forma acaba preenchendo um lado afetivo. Como é isso hoje? Teu tempo é todo voltado para o profissional? Como fica a relação com os amigos? Com o amor?

Beatriz - Eu não acho que a gente faz muitas opções na vida, não. Eu acho que algumas circunstâncias vão ajudando você a traçar alguns caminhos. Mas, nessa história de você fazendo escolhas, decidindo que vai estudar em outro canto, ou que vai trabalhar em algum lugar e que não é aqui, você perde e ganha muitas coisas, principalmente no campo afetivo. Eu acho que perdi muitas coisas na minha relação com a minha filha. Eu gostaria de ter uma relação muito mais forte com ela do que eu tenho. Mais forte, não - porque a nossa relação é muito forte - mais diária. Até mesmo com o meu pai, a minha mãe e as pessoas mais próximas de mim.

Você acaba perdendo muito isso. Eu sempre quis ir embora, é uma coisa super... faz parte de mim. É como se eu quisesse dar conta do mundo todo indo embora para outros lugares. Uma das coisas que me dão mais prazer na vida, além da relação com as pessoas - que é a coisa mais forte que a gente tem na vida - é conhecer outros lugares. Se eu não viajar pelo menos uma vez em cada semestre, eu meio fico que enlouquecida, como se estivesse trancada num lugar. Eu sou meio claustrofóbica. Eu tenho pavor de setar me sentindo presa e uma das sensações que me faz sentir livre é viajar, conhecer outros lugares. Eu adoro conhecer lugares que nunca vi, que são estranhos, que eu fico meio perdida. Eu preciso disso como se fosse uma coisa da minha alma, entendeu? Uma coisa que me alimenta.

Entrevista - Nada te prende?

Beatriz - Não é que nada me prenda. Aliás, eu sempre volto para cá. Aqui é um lugar que tenho uma relação muito grande com Fortaleza. Já tive mais. Quando eu estava na administração da Maria Luiza, eu me sentia como se fosse responsável pela cidade

Beatriz se ressentia da individualidade que impedia nas redações. Apesar de ter uma "boa equipe", ela acha que os colegas se deixam mascarar pelo dia-a-dia.

mas, ao mesmo tempo eu preciso sair. E é óbvio que, quando você faz essas opções, trabalhar noutra lugar, estudar noutra lugar, você perde em muitas coisas e ganha em outras. Perde de construir relações mais presentes com a família e com outras pessoas em geral, mais cotidianas, mais presentes. Que eu acho muito importante porque a vida não se faz só de eventos. Então, quando você vive só desses momentos, esse cotidiano que é você levantar, escovar os dentes, tomar café e um dia tá com dor, tá chata, confesso que eu tenho uma dificuldade grande de conviver com isso. Eu queria que a vida fosse sempre uma coisa nova. Por

outro lado, chega uma hora que você não vai viver só mais disso. Por exemplo, eu acho que o jornalismo é uma profissão muito rápida, se esgota. Então, você precisa ter o seu lugar, criar também raízes. Eu tenho muita vontade de ter uma livraria, um dos meus projetos é que eu vou terminar como livreira, conversando com as pessoas, dizendo quais são os lançamentos, lendo. Então, eu acho que eu vou ser uma velha livreira, na hora que eu achar que possa parar.

Nas relações afetivas se perde muito também porque quando você não tem mais projetos coletivos e volta para casa - e volta só dá uma

certa tristeza mesmo. Mas todo mundo quer um amor, no fundo todo mundo quer. Eu já tive grandes amores e vivi muito bem esses amores, e acho que por conta desse estilo de vida, acaba virando um estilo de vida, você acaba não suportando quando as coisas não dão muito certo, quando os projetos vão ficando diferentes e a gente vai perdendo as pessoas. Quando você não consegue abrir muito mão das coisas você acaba não vivendo com uma pessoa por muito tempo, porque você quer sempre um amor eufórico. Quando vira o cotidiano você acha que o amor acabou.



Passar o resto de seus dias como uma "velha livreira". Essa é a saída plausível para Beatriz, que não admite viver longe do conhecimento.